

## Artigo de Revisão Review Article

### ABORDAGENS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR: LEITURA, TECNOLOGIA E LITERATURA INFANTIL

### APPROACHES IN THE PROCESS OF READER'S EDUCATION: READING, TECHNOLOGY AND CHILDREN'S LITERATURE

Alan Silus da Cruz Silva<sup>1\*</sup>

1. Especialista em Comunicação: Linguagens, Construção Textual e Literatura. Professor Tutor-Externo dos Cursos de Graduação e Professor Orientador da Pós-Graduação do Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI).

\* Autor correspondente: alan.silus.ashtook@hotmail.com

Recebido: 29/11/2014; Aceito 10/12/2014

#### RESUMO

Esse artigo pretende explorar alguns aspectos relativos formação do leitor e da mediação da literatura infantil neste contexto. Faremos uma breve abordagem teorias behavioristas, inatistas, vygotskianas e piagetianas que envolvem este processo passando por Ângela Kleiman, uma das estudiosas brasileiras sobre as teorias de leitura. Também buscamos destacar um olhar para a leitura nos ambientes digitais, atividade que tem se tornado uma nova prática entre muitos leitores, tanto crianças quanto jovens e adultos e também, teorizar-se-á a importância da Literatura Infantil como fonte para a formação e perpetuação do novo leitor, os autores que permeiam esse processo e as diversas práticas para despertá-lo pelo interesse do ato de ler.

**Palavras Chave:** Leitura, Literatura Infantil, Formação de Leitores.

#### ABSTRACT

This paper will explore some aspects of player training and mediation of children's literature in this context. We'll soon approach behaviorist theories, Inatism, Vygotskian and Piagetian involving this process as well as Angela Kleiman, one of the Brazilian scholars on reading theories. We also seek out a look for reading in digital environments, an activity that has become a new practice among many readers, both children and young people and adults as well, will be theorize the importance of children's literature as a source for the formation and perpetuation the new reader, the authors permeating this process and the various practices to awaken you for the interest of the act of reading.

**Keywords:** Reading, Children's Literature, Readers Training

#### 1. UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES

Atualmente no Brasil diversos centros de educação superior têm graduado milhares de homens e mulheres em Pedagogia que mais tarde formarão milhares de crianças em

leitores e usuários da língua materna, pois aprender uma língua se torna fundamental para o ser humano e aprender a língua portuguesa é fundamental e indispensável para nós brasileiros. Seu aprendizado se dá desde as primeiras palavras geralmente

**Artigo de Revisão** Review Article

proferidas pelos pais ou por pessoas próximas a essa criança.

No Behaviorismo, Skinner (a personagem mais importante nos estudos sobre a linguagem) a partir de sua obra, procura expressar que a aprendizagem da linguagem seria fator de exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta e que na aquisição da língua materna não seria diferente, em essência, da aprendizagem de outras habilidades e comportamentos como andar de bicicleta, dançar, etc. [1]

Já no inatismo (onde temos como figura teórica o linguista Avram Noam Chomsky) a linguagem é adquirida como resultado do desencadear de um dispositivo inato, inscrito na mente do ser humano. É uma dotação genética, e não um conjunto de comportamentos verbais e que num curto período de tempo, a criança é capaz de construir sentenças, dominar regras e princípios básicos da gramática internalizada do falante. Chomsky cria também uma sigla chamada de LAD (Language Acquisition Device) ou Dispositivo de Aquisição de Linguagem, onde segundo ele, a linguagem está dentro de nós, basta apenas “desabrochá-la” [1]

Duas outras teorias que tentam explicar a aquisição da linguagem é o cognitivismo construtivista e o sociointeracionismo, o primeiro (representado pelo biólogo Jean Piaget), que segundo

Gomes [1] é através da aquisição da linguagem se dá o desenvolvimento da inteligência da criança e esta aquisição, é vista como resultado de interação entre o ambiente e o organismo, através de assimilações e acomodações, responsáveis pelo desenvolvimento da inteligência geral.

Na segunda temos como teórico o psicólogo bielo-russo Lev Semenovich Vygotsky e segundo Rojas e Vasconcelos [2], “a linguagem tem um lugar central na sua obra, uma vez que é um sistema simbólico humano por excelência, e para ele seu desenvolvimento tem como função essencial o intercambio social, ou seja, a relação com outros seres humanos”.

A teoria de Piaget dá ênfase na interação do sujeito com o meio, com o objeto físico, já a de Vygotsky enfatiza o aparecimento de inovações e mudanças no desenvolvimento partindo do mecanismo de internalização [3].

Após o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, a criança é enviada para o ambiente escolar, onde ela possa conhecer novas capacidades e aperfeiçoar as capacidades já conhecidas, principalmente a capacidade linguística, pois é com o uso da língua que a criança aprenderá a ler e compreender diversas atividades que lhe serão apresentadas no futuro.

Quando os educandos são inseridos na escola, esperamos que seu desenvolvimento se dê através da aprendizagem. Em seu

discurso Silva [4] nos diz que “Piaget considera a aprendizagem como provocada por situações enquanto o desenvolvimento, particularmente do conhecimento, se dá por processos relativamente espontâneos, ligados a embriogênese do organismo e é construído através da interação do sujeito com o meio”.

Para que o aluno desenvolva sua inteligência, é preciso além do apoio familiar e escolar que se aprenda de acordo com novas metodologias. Com a globalização, as tecnologias têm sido frequentes no contexto educacional, Leite [5] nos mostra que a tecnologia educacional na sociedade moderna se faz necessária para a dinamização e a qualidade da educação e essa melhora dar-se-á com um estudo teórico e prático.

Podemos notar nos alunos duas problemáticas propostas por Ângela Kleiman, que em seu discurso nos mostra que estes problemas estão relacionados à leitura, ela aponta a leitura como decodificação uma prática empobrecedora, pois após o término da leitura durante o âmbito da interpretação, o aluno encontrará todas as respostas propostas pelo professor na sua forma correta dentro do texto, às vezes o aluno irá transcrevê-las com as mesmas palavras do autor ou da fonte de onde se foi lido o texto, desestimulando a formação do pensamento crítico. Kleiman destaca também a leitura como avaliação, onde o aluno se vê forçado a praticar sua leitura oralmente (algo geralmente praticado nas séries iniciais). Esse é outro tipo de

problema, pois ao invés de promover o desenvolvimento do leitor, acaba inibindo tal prática.[6].

Klein em seu discurso afirma que:

A leitura deverá contemplar uma tipologia variada: textos informativos, narrativos, narrativos-descritivos, normativos, dissertativos, de correspondência, textos argumentativos, textos literários, em prosa e em verso, textos lúdicos, textos didáticos [7].

Assim, exposto a diversos contextos de leitura, o aluno se torna autônomo em suas práticas leitoras e reafirma Klein (2000, p. 52), que “a quantidade das práticas de leitura e a qualidade dos textos oferecidos aos alunos constituem regras básicas do ensino da língua escrita”.

Quando aliadas, língua oral e língua escrita, o trabalho pedagógico se torna mais fácil e mais prazeroso tanto ao aluno que aprende por meio das diversas competências discursivas, quanto ao professor que ensina através dos diversos eixos temáticos propostos pelos referenciais curriculares e parâmetros nacionais.

## 2. LEITURA E TECNOLOGIA

Com o advento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e com a facilidade no acesso a informática proposta pelos Programas dos Governos, a criança está inserindo-se num ambiente diferente: um contexto amplamente digital.

As tecnologias foram inseridas na escola para que auxiliassem o professor e seu trabalho didático-pedagógico. Infelizmente a escola ainda não consegue acompanhar o processo de evolução e desenvolvimento da tecnologia que é constante e ágil. Ainda temos muitas escolas utilizando-se de recursos audiovisuais como videocassetes e retroprojetores enquanto outras se utilizam de lousas digitais e salas de multimídia amplamente equipadas para o desenvolvimento das aulas.

Quando levada a escola, as TICs podem ser categorizadas como Tecnologias Educacionais e, essa terminologia foi equivocadamente usada referindo-se somente à aplicação de recursos materiais (diga-se audiovisuais). No ensino, no entanto, a tecnologia educacional não se limita somente a este tipo de recurso, mas também ao ensino levado a efeito em base científica [8].

Em muitos casos, apesar da defasagem desses recursos na escola, a criança em casa, muitas vezes, conta com um aporte tecnológico mais avançado daquele no qual ela tem contato no dia a dia em sala de aula e muitas vezes está a frente do professor e do recurso utilizado durante as aulas.

Outra mudança com o advento da tecnologia é na prática de leitura, pois em muitos casos o leitor tem deixado os livros impressos e tem partido para leituras online. Diversas editoras para não marginalizarem-se desta nova atividade e em muitas vezes para

conquistar esse novo público tem aderido à prática da virtualização de livros já publicados, assim surgem os “eletronic books” ou simplesmente “e-books”.

O ponto chave que temos na nova relação com o texto digital é a sua virtualização, que muda ao mesmo tempo que sua materialidade e a relação com o corpo do leitor. A migração da página para a tela altera a forma de leitura e a estruturação deste texto. Chartier destaca que “é preciso considerar que a tela não é uma página, mas sim, um espaço em três dimensões, que possui profundidade e que nele os textos brotam sucessivamente do fundo da tela para alcançar a superfície iluminada” [9].

O autor nos mostra também que essa nova prática requer uma reestruturação de conhecimentos antes apoiados na leitura impressa. Ele considera que ao ler um texto “eletrônico” o leitor precisa apoiar-se em novas competências e conhecimentos e pauta-se em María Lamarca Lapuente para destacar que na leitura digital é preciso reconhecer alguns aspectos característicos desta prática como alguns ícones, mudanças no cursor, mecanismos de retorno, significado das barras de ferramentas, etc. [9].

Apoiamos a proposta de Carmen Pimentel, que “para ler é preciso que ocorra uma interação e que a leitura precisa ter uma significação” e, a escolha da leitura varia de acordo com o momento em que se vive, com as emoções, com a experiência de cada um, pois ler depende da relação texto-leitor, quando leitor e autor se aproximam por meio do texto, já que a leitura depende da

relevância que o leitor dá ao texto e o quanto ela se relaciona ao que o leitor deseja encontrar ali [10].

A autora prossegue dizendo que a leitura é uma atividade interativa e que se faz em diferentes meios e contextos e que não é constituída apenas da palavra, mas de gestos, expressões, entonações, ritmos vocais e através da interação do leitor.

Como diz Lígia Leite, é função da escola desvelar a trama nos meios de comunicação e adequar os alunos as diversas tipologias de leitura presentes nesses meios. E a autora sugere àqueles que trabalham com a leitura que optar por uma proposta pedagógica de leitura crítica da comunicação significa reconhecer o papel da mídia na formação dos educandos e perceber, no campo da comunicação de massa, um objetivo de reflexão no universo da escola, ainda que esteja presente no dia-a-dia (sic) dos educandos e educadores [5].

Portanto, a leitura nos ambientes digitais está em fase de desenvolvimento, encontraremos diversos autores e pesquisadores sobre essa temática que se colocarão a favor e outros se posicionarão contra esta atividade, mas independentemente das escolhas que serão feitas nos lembra Carmen Alba Pastor [11], que “é preciso [...] partir do respeito à diversidade, porque cada pessoa é singular, diversa e diferente uma a uma”.

### **3 A LEITURA ATRAVÉS DA LITERATURA**

Toda nação possui uma história, mesmo que em alguns pontos e fatos é narrada de forma omissa, mas dizemos que ela está aglutinada a uma história literária, com poesias e prosas de ficção, que sempre visaram contar a história de uma sociedade de forma crítica e lúdica. E na escola é que podemos por em prática o despertar pelo interesse da leitura, mas o trabalho da formação de leitores deve começar em casa com a motivação dos pais.

O que se vê é a “transferência” dessa e de outras responsabilidades familiares para a escola, porém a escola muitas vezes não tem subsídios que possam incentivar o aluno a uma boa prática, ao interesse e a leitura constante de livros se a família não coopera ou motiva a criança desde cedo ao ato de ler.

Elizabeth Serra define que, o importante papel da escola na formação do gosto e na realização de leituras críticas também é assunto tratado no texto [...]. É necessário que a escola ofereça aos alunos textos diversos e de qualidade, complementando que esta diversidade compreende, também, recursos de imagem, som, como é o caso da televisão [12]

O contar histórias para as crianças era um hábito desenvolvido pelos avós, que se sentavam na sala ou debaixo de uma árvore e

os netos e amigos dos netos em roda prostravam-se para ouvir maravilhosos contos geralmente apresentados pelo avô que sem dúvidas até hoje está viva em muitas memórias. Essas estórias geralmente foram se passando de pai para filho e chegando a nós até hoje.

É assim que surgem as fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares mitos, lendas, contos de fadas, contos maravilhosos que estão nas origens da literatura moderna e guardam em si um saber fundamental [13]. “E são essas narrativas que ocupam, muitas vezes, o imaginário de nossas crianças, pois vêm sendo contadas e recontadas, em casa e na escola”[13].

A literatura é uma fonte inesgotável de conhecimento e cultura e como já foi dito, cabe à família dar o pontapé inicial e a escola continuar esse processo e “preservar as relações entre a literatura e a escola, [...] decorre do fato de que ambas compartilham um aspecto em comum: a natureza formativa” [14].

#### **4. A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA**

É nas séries iniciais que o trabalho literário é introduzido às crianças, com estórinhas curtas, sem muitas frases e recheadas de ilustrações, por que estas possuem o objetivo de incentivar a criança através da imagem ao hábito pela leitura

(mesmo sendo uma leitura de códigos e símbolos).

Com o avançar das séries escolares ela vai recebendo motivações para que comece a ler obras com mais teor de letras e menos imagens, pois nesta fase, que podemos definir como 3º ou 4º ano, a criança já sabe ler e escrever e desenvolver as operações básicas da matemática.

Depois com a sua ascensão ao 6º ano em diante no Ensino Fundamental II, inicia-se os estudos de obras mais complexas como contos de Machado de Assis ou até algumas obras de José de Alencar pertinentes a idade destas crianças até alcançar a fase adolescente onde o indivíduo terá contato com todos os tipos de obras literárias, esperando-se assim que ele possa formar sua cultura e tradição da leitura literária.

A literatura infantil é de inestimável importância, pois compreende o campo da cultura e da educação, todo acervo sobre ela que temos ciência em maioria são de criações da tradição mitológica e oral, vindas através de gerações e remodeladas de acordo com a sociedade de cada época e o ideal é que seus limites se estendam por horizontes que ultrapassem os aspectos da recreação, da instrução e da formação completa do indivíduo e nas palavras do filósofo Platão “a criança não é um vaso para ser enchido, mas uma alma para ser enobrecida” [15].

O professor Hênio Tavares ressalta também a importância da divisão de Gêneros

## Artigo de Revisão Review Article

Literários das obras de cunho infantil de acordo com a idade:

“o período maternal (dos 2 aos 4 anos) é a fase pré-mágica, o mundo da criança limita-se ao ambiente circundante em que ela vive. Sua imaginação acha-se ainda latente, e por isso, somente os seres, as coisas e as pessoas com que convive, podem ocupar-lhe a atenção. No pré-primário (dos 4 aos 6 anos), entra o infante na fase mágica, e a fantasia desponta criadora e atuante. [...] Neles entram as narrações clássicas, como estórias de Dona Baratinha, Os Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho, etc. Na fase escolar (dos 7 aos 10 anos) a criança começa o aprendizado pela leitura, que se faz normalmente nas escolas primárias. O enredo, girando em torno de estórias de animais, de aventuras e de encantamento, desperta o interesse pelos conflitos e laces culminantes de que se entretém [15].”

A Literatura Infantil tem seu ponto de partida na França, no século XVII, e nas obras de Charles Perrault, lendas e narrações como o Gato de Botas e A Gata Borralheira o fizeram ser considerado como autor clássico no gênero, ao lado de Hans Cristian Andersen e dos irmãos Grimm. Seguidos por eles temos Fénelon, La Fontaine e Mme. D’Aulnoy [15] que seguiam a mesma lógica das fábulas de Esopo e Federo – dar sempre ao fim de cada estória uma lição moral para seus leitores.

Já numa fase moderna da literatura infantil surgem escritores com liberdade de expressão e em suas obras aparecem os contos maravilhosos e fantásticos, entre eles Jonathan Swift (com as Viagens de Gulliver), Daniel Defoe (e sua obra Robinson Crusóe), Lewis Carrol (e a famosa Alice no País das Maravilhas) Fenimore Cooper, Mark Twain e Charles Dickens (grandes nomes da literatura

inglesa adulta) com “O Ultimo dos Moicanos”, “O Príncipe e o Mendigo” e “David Copperfield”, respectivamente [15].

No convívio com o Ensino Fundamental, podemos perceber o quanto é importante ensinar e fazer com que os alunos aprendam a Língua Portuguesa, tudo se inicia na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) onde os professores que se graduam em Pedagogia e são habilitados a atuarem neste campo da Educação Básica.

Os pedagogos e futuros pedagogos necessitam entender a importância que possui o processo de alfabetização, pois é a partir dela que todo processo científico, cultural e até social do aluno se consolidará. Uma alfabetização bem feita, não trará problemas tanto para o aluno quanto para os professores que ele irá ter ao longo de sua vida escolar e até acadêmica.

É função do professor de 1º ao 5º ano promover um intensivo processo de alfabetização e que esse processo de estenda durante a educação infantil e que os processos de leitura e escrita sejam práticas de formação lúdica, prazerosa e que se relacionem a um processo enriquecedor [16] para que esta criança avance para as demais séries sem problemas no âmbito da linguagem.

E através da leitura o aluno desenvolve sua autonomia intelectual do pensamento; o melhor meio difusor da

literatura é o ato de ler e de acordo com Elie Bajard:

“a prática da leitura está fortemente associada à relação dos aspectos do uso da escrita, que vão se transformando pouco a pouco sobre a influência das transformações sociais. A leitura não é um invariante histórico – mesmo nas suas modalidades mais físicas -, mas sim um gesto individual ou coletivo dependente das formas de sociabilidade, das representações do saber ou do lazer, das concepções da individualidade” [17].

O ensino da nossa literatura ganha destaque em nosso país com a transferência da Corte Portuguesa em 1808 e com a Fundação da Imprensa Régia, dos Cursos de Cirurgia, Engenharias Artes e Arquiteturas, pois escritores consagrados começam a se destacar em nosso cenário artístico-cultural, e hoje, o ensino da “arte da palavra” possui diversas metodologias e:

“discutir a questão da literatura é sempre um projeto ousado e [...] seria ingenuidade buscar em uma única teoria o respaldo para essa discussão, [...] tanto o fato literário como a crítica e a teoria que dele se ocupam estão indissolavelmente ligados ao momento histórico em que são gerados. [...] A opção por esta(s) ou aquela(s) metodologia(s) passa pela consciência de seu caráter “político” e dos conseqüentes avanços e limitações que pode(m) oferecer enquanto subsídios para análise [18].

Passando a um olhar sobre a Literatura Infantil Brasileira ela inicia-se com as obras de Monteiro Lobato e por muito tempo permaneceu sob a sombra de seu nome e o sentido de sua obra era contraposta às características da vida cultural brasileira [16].

E hoje sobrevivem através de autores contemporâneos como Ziraldo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha entre muitos outros autores que vem apoiando e incentivando a leitura através de palestras, seminários, etc.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos de hoje precisam entender que a leitura e a produção dos diversos tipos de textos são necessárias para o seu desenvolvimento oral, intelectual e mental, é preciso que se tenha noção do que se escreve e antes de tudo salientar-se do objetivo desta escrita.

A inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação nesse contexto deve ser utilizada como um instrumento de mediação as práticas de leitura e também de escrita, pois o que se vê hoje é crianças desde muito cedo dominando esses recursos midiáticos e a leitura não deve ficar aquém deste benefício.

E o trabalho para essa eficácia na produção de textos, está na educação infantil, onde as crianças necessitam aprender a importância do ato de ler, mediados e motivados por uma série de metodologias e de livros que as encantem e façam-na permanecer no maravilhoso mundo da leitura e da escrita.



## 6. REFERÊNCIAS

- [1] GOMES, Maria L. de C. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. Curitiba: IBEPX, 2007.
- [2] ROJAS, Karen A. G & VASCONCELOS, Ana M. de. Unidade Didática - Desenvolvimento Humano e Aprendizagem. In:\_\_\_\_\_. **Educação Sem Fronteira: Pedagogia**. Volume 2. Valinhos. Anhanguera Publicações, 2009.
- [3] BOCK, Ana M. B; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva 2008.
- [4] SILVA, Alan Silus da Cruz. **O Ensino de Língua Latina: novos métodos ou tradição?** . Campo Grande: [S.E], 2010
- [5] LEITE, Lígia S. (org.) **Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- [6] KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 2007.
- [7] KLEIN, Lígia Regina (org.). **Proposta Metodológica de Língua Portuguesa**. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2000. Série Fundamentos Político-Pedagógicos. Coleção Cadernos da Escola Guaicuru. Volume 5.
- [8] GODOY, Anterita C. Alfabetização e Letramento Tecnológico do Professor. In: \_\_\_\_\_ **Fundamentos do Trabalho Pedagógico**. Campinas: Alínea, 2010.
- [9] SOUZA, Marcelo. **Narrativa Hipertextual Multimídia: um modelo de análise**. Santa Maria: FACOS, 2010.
- [10] PIMENTEL, Carmen. **Blog: da internet à sala de aula**. 2010, 174f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Instituto de Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UEJ, Rio de Janeiro, 2010.
- [11] PASTOR, Carmem Alba. Utilização Didática de Recursos Tecnológicos como Resposta à Diversidade. In: SANCHO, Juana M. **Para uma Tecnologia Educacional**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- [12] SERRA, Elizabeth D'Ângelo. Literatura e Leitores: os livros e seus temas. In: CARVALHO, M. A. F de. MENDONÇA, R. H. (orgs). **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- [13] ABÍLIO, Eleonora C; MATTOS, Margareth S. Letramento e Leitura da Literatura. In: CARVALHO, M. A. F de. MENDONÇA, R. H. (orgs). **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- [14] ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil na Escola**. 8.ed. São Paulo: Global, 1994. Coleção Educação e Pedagogia.
- [15] TAVARES, Hênio. Literatura Infanto-Juvenil e Folclore. In:\_\_\_\_\_. **Teoria Literária**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- [16] RICARDI, Geise Cristina L. Unidade Didática – Alfabetização. In: \_\_\_\_\_ et al . **Educação Sem Fronteira: Pedagogia 4**. Valinhos: Anhanguera Publicações, 2010.
- [17] BAJARD, Elie. **Ler e Dizer: compreensão e comunicação do texto escrito**. São Paulo: Cortez, 1991.
- [18] MAGNANI, Maria do Rosário. **Leitura, Literatura e Escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.